

Patricia Cabot

UM PEQUENO
ESCÂNDALO

Tradução
Eugénia Antunes

*Quinta Essência**

Capítulo 1

Londres
abril de 1870

— Não vou — disse ela, debatendo-se enquanto ele a agarrava.
— Já te disse. Larga-me!

Estava cansado de tentar convencê-la. Por vezes, tinha a sensação de ter passado os últimos dezassete anos a tentar convencê-la.

— Vais — insistiu ele, limitando-se a usar a sua voz grave para emitir uma rosnadela ameaçadora. Na verdade, tão ameaçadora que o criado, de pé junto à carruagem puxada por quatro cavalos, se endireitou e olhou para todo o lado menos na direção do seu patrão.

— Não vou! — gritou ela. Uma vez mais, sacudiu bruscamente o pulso que ele mantinha agarrado. Ultimamente, tornara-se fugidia como um gato e aquilo era tudo o que ele podia fazer para manter o esguio braço dela, vestido de seda, sob o seu controlo. — Já disse para me largares.

Soltou um suspiro. Então, era assim que as coisas iam ser. Enfim... Já deveria ter adivinhado. Tudo apontara nesse sentido. Uma hora antes, quando estivera a compor a sua gravata diante do espelho — Duncan era um criado de quarto exemplar, disso não havia dúvida, mas estava a ficar um pouco velho e havia-se tornado deveras intratável nos seus modos,

pelo que até mesmo as mais subtis diferenças na moda masculina apenas serviam agora para o deixar irritado. Continuava a fazer o nó da gravata do seu patrão exatamente da mesma maneira que o fazia desde há mais de vinte anos, levando assim Burke a ter de, em segredo, desfazer o trabalho do seu criado de quarto e refazer ele mesmo o nó –, Miss Pitt irrompera pela sala, sem sequer ser anunciada, e num estado de considerável agitação.

– Milorde! – exclamara a velha mulher a chorar. Literalmente a chorar. Havia lágrimas a correr pelas suas volumosas faces. – Ela é impossível! Impossível, está a ouvir? Não se pode esperar que alguém seja capaz de suportar aquele tipo de insultos... – Ao dizer aquilo, a mulher pusera a mão a tremer sobre a boca e fugira da sala. Burke não ficara com a certeza, mas parecia-lhe que Miss Pitt acabara de apresentar a sua demissão. Após um suspiro, começou a desatar a gravata. Já não fazia qualquer sentido estar preocupado em apresentar-se com o seu melhor aspeto. Não iria, ao contrário do que originalmente planeava, poder apreciar a companhia da inimitável Sara Woodhart aquele serão. Não, nada disso, agora teria de, no lugar da infeliz Miss Pitt, acompanhar Isabel ao baile formal de Lady Pea-grove.

Raios partissem tudo aquilo.

Agora aquela rapariga espevitada debatia-se enquanto ele a agarrava com firmeza, na verdade tentando mordê-lo, literalmente mordê-lo, de modo a que ele a largasse. Esperava sinceramente que nenhum dos vizinhos estivesse a observá-los. Aquelas manifestações públicas do temperamento dela começavam a tornar-se bastante embaraçosas. Há alguns anos, quando ela era mais nova, e mais pequena, tudo fora diferente, mas agora...

Bem, agora dava consigo a ansiar com frequência por umas baforadas num cachimbo e pelo conforto da lareira na sua biblioteca.

Sim, ainda mais do que ansiava pela companhia da estimável Mrs. Woodhart.

Santo Deus! Que ideia repugnante! Poderia mesmo ser verdade? Estaria a ficar velho? Duncan dissera-lhe já isso mesmo em diversas ocasiões. É claro que não recorrera concretamente a essas palavras. Um bom criado de quarto jamais dava a entender que o seu patrão se encontrava noutra estado que não fosse o seu melhor. No entanto, uma manhã, ainda não há muitos dias, tivera o descaramento de lhe apresentar como sugestão nada menos que um casaco de flanela. Flanela! Como se Burke estivesse prestes a fazer cinquenta e sete em vez dos seus ainda relativamente joviais trinta e sete anos. Como se estivesse enfermo, como se não fosse o detentor de uma invejável forma física, algo que sabia possuir e que muitas das mais atraentes mulheres de Londres, incluindo a discriminadora Mrs. Woodhart, lhe haviam confirmado. Dera uma lição a Duncan naquele dia, disso não havia qualquer dúvida.

Tal como Isabel iria agora receber uma. Não permitiria que ela não o levasse a sério. Sobretudo considerando que, no fim de contas, era para o próprio bem dela.

– E eu já disse que vais. – Ele inclinou-se, e com a facilidade proporcionada por uma longa prática, atirou o peso do corpo dela por cima do ombro, como se esta mais não fosse que uma saca de batatas.

Isabel soltou um guincho tão agudo que pareceu perfurar o denso nevoeiro amarelado que caíra sobre Park Lane como se fosse uma cortina, ou talvez até sobre toda a cidade de Londres, o que seria mais provável, conhecendo a sua sorte. Demorariam horas até conseguirem avançar por entre o trânsito, atrasado mais ainda pelo nevoeiro, e chegar frente à porta dos Peagrove. Na realidade, era mesmo só isso que lhe faltava, aquele nevoeiro denso e abafado, a acrescentar à histeria de Isabel. A única coisa que lhe faria mais falta ainda seria, talvez, enfiar uma bala na cabeça. Ou talvez uma faca no coração.

E dali a alguns instantes pareceu-lhe que aquele seu segundo desejo estava prestes a realizar-se. Só que, em vez da lâmina de uma faca, uma pessoa apareceu por entre o nevoeiro, como que vinda do nada, e dirigiu a ponta de um guarda-chuva ao seu coração. Ou melhor, ao local onde o seu coração deveria estar, se por acaso ele tivesse um, hipótese levantada por Isabel a plenos pulmões, algo que, segundo ela, era pouco provável.

– Peço desculpa, minha senhora – disse Burke à dona do guarda-chuva num tom bastante calmo, facto que não deixou de enchê-lo de orgulho, sobretudo tendo em conta que era um homem com a reputação de ser bastante irascível –, mas não se importa de baixar essa coisa? Está a impedir-me de avançar até àquela carruagem que está ali à minha espera.

– Mais um passo – disse a dona do guarda-chuva com uma voz surpreendentemente dura, sobretudo para uma criatura tão... enfim, tão franzina – e tratarei de pôr seriamente em risco as suas esperanças de vir a gerar um herdeiro.

Burke olhou para o criado. Seria imaginação sua ou estaria a ser abordado diante da porta da sua própria casa – e para mais em Park Lane, a mais exclusiva de todas as ruas da cidade de Londres – por um desconhecido? Pior ainda, por um desconhecido que por acaso era uma jovem mulher... Precisamente o tipo de jovem mulher que Burke sempre costumava evitar em reuniões sociais.

Afinal, quem lhe poderia levar isso a mal? Ficava sempre bastante alarmado quando, no meio de uma conversa com uma dessas criaturas – que, verdade fosse dita, geralmente não eram sequer as mais brilhantes conversadoras –, a respetiva mamã, enfeitada de joias, surgia de repente vinda do nada e, educada mas firmemente, conduzia a sua querida filha para longe dele.

No entanto, não surgira ali nenhuma mamã enfeitada de joias. Aquela jovem mulher estava sozinha. Absurdamente sozinha e numa noite tão sombria como nenhuma outra que ele

tivesse presenciado desde há algum tempo. Onde estava o acompanhante dela? De certeza que uma rapariga assim jovem haveria de ter alguém que a acompanhasse, nem que fosse para prevenir que ameaçasse cavalheiros com a ponta do seu guarda-chuva, como parecia ser seu hábito.

Que haveria ele de fazer? Se ela fosse um homem, Burke ter-se limitado a deitá-lo abaixo com um golpe, passando por cima do corpo estendido no chão, e teria seguido o seu caminho. Se necessário, teria mesmo desafiado o tipo para um duelo e, dado o seu atual estado de espírito, teria até tido todo o gosto em lhe enfiar um balázio na cabeça.

Só que ela não era um homem. Para mulher, era até um pouco mais para o baixo. Supunha que poderia simplesmente tê-la retirado do seu caminho, e até com facilidade, mas colocar as mãos fosse em que mulher fosse, sobretudo uma assim mais jovem, tendia a causar todo o tipo de problemas. Que haveria ele de fazer?

Perry, para quem Burke cometera o erro de olhar como que em busca de ajuda, não se revelou minimamente prestável. Também ele estava a olhar para a jovem mulher, com os seus olhos ligeiramente protuberantes já quase a saltar das respetivas órbitas não por ver a ponta do guarda-chuva dirigida ao seu patrão, mas antes em reação aos esguios tornozelos da jovem mulher, bem visíveis abaixo da bainha da saia, que se levantara um pouco à frente depois de esta ter adotado a postura de um esgrimista. Rapaz embecil. Burke tomaria as providências necessárias para que fosse despedido no dia seguinte.

– Ponha-a no chão – ordenou a jovem mulher. – Imediatamente.

– Bem, escute lá... – começou Burke por dizer, num tom que soava bem mais razoável do que na realidade o estado de espírito em que se encontrava lhe permitia ser. – Tenha o cuidado de não brandir essa coisa diante de mim. Fica a saber que na verdade sou...

– Não quero saber quem na verdade é – interrompeu-o a jovem mulher, de resto com resposta bastante pronta. – Trate de pousar essa rapariga e considerar-se-á um homem de sorte por eu não chamar de imediato a polícia. Se bem que não tenho assim tanta certeza se não o farei. Em toda a minha vida nunca vi nada tão vergonhoso, um homem de idade avançada como o senhor a abusar de uma rapariga que nem metade da sua idade deve ter.

– Abusar?! – Nessa altura, Burke quase deixou cair no chão o pesado fardo que carregava, tal a surpresa que sentiu. – Que sugestão mais impertinente! Acha mesmo...

Para horror dele, Isabel, que estranhamente se deixara ficar em silêncio desde a chegada daquela megera de guarda-chuva em punho, levantou a capa que lhe cobria a cabeça e, numa voz lamentosa, bem diferente do habitual tom assertivo que a caracterizava, disse:

– Oh, por favor, ajude-me, minha senhora. Ele está a magoar-me muito!

A ponta do guarda-chuva foi pressionada contra a sua lapela, o bico de metal a picar os músculos do peito mesmo acima do coração. Agora a jovem mulher nem sequer se dignava dirigir-se a Burke, virando em vez disso a cabeça e dizendo para o criado:

– Não se limite a ficar aí especado, seu pateta ignorante. Corra e vá buscar um agente da polícia.

O queixo de Perry caiu. Burke ficou a olhar com um ar irritado para o seu criado, cuja cara se contorcia enquanto lutava interiormente, dividido entre a lealdade para com o seu patrão e o desejo de obedecer à jovem mulher com aquela voz tão autoritária.

– M-mas... – gaguejou o pobre idiota. – Ele irá despedir-me se eu...

– Despedi-lo? – Os olhos cinzentos e já amplamente abertos da mulher pareceram alargar-se ainda mais com o sentimento

de ultraje. – Prefere ser despedido ou prefere talvez uma pena de prisão por ser cúmplice de rapto e de intimidação?

– Não, minha senhora, mas... – disse Perry num lamento.

Naquele instante, Isabel não conseguiu conter-se. Burke conseguia senti-la a estremecer sobre o seu ombro. Até mesmo o espartilho de osso de baleia não conteve os violentos espasmos que tinham origem na sua barriga quando desatou a rir. Só que, como era óbvio, para a jovem mulher que mantinha o guarda-chuva apontado, as risadas soaram a soluços. Viu a cara empalidecida, emoldurada por um chapéu que em tempos fora provavelmente bastante dispendioso mas que agora já há muito estava fora de moda, encher-se de irritação, depois ela recolheu o braço com a intenção, disso ele não tinha quaisquer dúvidas, de lhe espetar a ponta do guarda-chuva no corpo. Para ele aquilo foi a última gota de água.

– Bem, escute lá – disse ele, retirando Isabel de cima do ombro e pousando-a, com modos pouco gentis, de pé a seu lado. No entanto, manteve o pulso dela firmemente agarrado, pois sabia que assim evitaria que se lhe escapasse noite dentro, a mais recente das partidas que lhe pregara. – Embora não faça a mínima ideia por que razão estou a ser tão rudemente caluniado, ainda por cima à porta da minha própria casa, peço-lhe que me permita assegurar-lhe que esta é uma situação a todos os títulos respeitável. Acontece que esta jovem rapariga é minha filha.

O guarda-chuva não se moveu um centímetro que fosse.

– Uma história credível – proferiu a dona do guarda-chuva sem alterar a sua expressão.

Burke olhou em redor em busca de algo que lhe pudesse arremessar. Sentia-se como se estivesse prestes a sofrer uma apoplexia. Na verdade, que havia ele alguma vez feito para merecer aquilo? Tudo o que sempre pretendia fora que Isabel se casasse com um tipo decente que não a maltratasse nem desbaratasse o dote que Burke pretendia dar-lhe, deixando-o a ele livre, finalmente livre, para passar alguns serões prazenteiros

na agradável companhia de uma mulher como Sara Woodhart. Ou de um livro. Sim, até mesmo um livro, junto a uma boa lareira. Seria pedir assim tanto?

Pelos vistos, sim, pelo menos enquanto houvesse mulheres tresloucadas a percorrer as ruas de Londres de guarda-chuva em punho.

Perry, talvez pela primeira vez na sua imprestável vida, abriu a boca para dizer alguma coisa útil.

– Mmm, menina? Ela, a jovem rapariga, é filha dele.

Isabel, que estivera a fazer todos os esforços ao seu alcance por suprimir um ataque de riso desde que Burke a pusera no chão, deixou de conter-se e soltou então uma gargalhada que deve ter sido ouvida em toda a rua.

– Oh! – exclamou ela alegremente. – Peço desculpa! Mas foi tão engraçado, a senhora a ameaçar o meu pai com o seu guarda-chuva. Não consegui evitar.

O guarda-chuva vacilou. Apenas um pouco, mas visivelmente.

– Se ele é seu pai, então em nome de quê estava a guinchar daquela maneira? – perguntou a mulher, desconcertada, com as suas estreitas sobranceiras franzidas sob uma franja de cabelo louro-escuro.

– Oh, porque sim! – Isabel revirou os olhos como se a resposta fosse óbvia. – Porque ele insiste que eu vá ao baile dos Peagrove.

Para grande espanto de Burke, a jovem mulher, uma desconhecida, qual lunática, aceitou aquela afirmação como se fosse algo óbvio e perfeitamente compreensível. Burke viu, estarecido, o guarda-chuva afastar-se do seu coração até a respetiva ponta ficar em contacto com o chão.

– Meu Deus! – exclamou a mulher. – Mas ir até lá é coisa que deveria estar fora de questão.

Isabel estendeu o braço e puxou a manga do casaco de Burke, não a brincar mas com força.

– Estás a ver, pai? – perguntou ela. – Eu bem te disse.

Burke tinha agora a certeza absoluta de que estava prestes a sucumbir a uma apoplexia. Não fazia a mais pequena ideia daquilo que estava a acontecer. Alguns segundos antes, a jovem mulher que tinha à sua frente ameaçava ir à polícia. Agora estava ali a discutir compromissos sociais com a sua filha, com toda a calma, como se as duas estivessem simplesmente a ter uma conversa banal numa modista de chapéus, e não ali paradas, em plena Park Lane, às nove horas da noite de primavera mais enevoada que ele tinha memória.

– Aquilo é um aperto – disse a jovem mulher como que para encorajar a filha dele. – Lady Peagrove convida o dobro das pessoas que poderiam caber na sua casa. É um verdadeiro pesadelo tentar sequer chegar perto daquele lugar. Além disso, ninguém que realmente interesse frequenta aquilo. Só parasitas e primos da província, mais nada.

– Eu bem sabia – afirmou Isabel, batendo com o pé elegantemente calçado. Este não produziu qualquer ruído sobre o suave material da passadeira que Perry estendera no chão de modo a evitar que a cauda do vestido dela se sujasse até subir para a carruagem. – Eu disse-lhe isso mesmo. Mas ele não me dá ouvidos.

Burke, ciente de que estavam a falar acerca dele como se nem sequer ali estivesse presente, começou a sentir-se bastante irritado.

– Ele só dá ouvidos a Miss Pitt – prosseguiu Isabel. – E Miss Pitt tinha uma ideia fixa absurda, achava que o baile dos Peagrove era algo indispensável.

– Quem é Miss Pitt? – teve a estranha a audácia de perguntar.

E, antes mesmo de Burke poder dizer uma palavra que fosse, Isabel estava já a responder.

– Oh, ela era a minha dama de companhia. Ou era, até ter pedido a demissão há uma hora.

– Uma dama de companhia? E por que razão haveria a menina de ter de andar com uma dama de companhia atrás de si?

– Se quer mesmo saber – respondeu Burke com aspereza –, é porque a mãe dela morreu. E agora, se nos der licença, minha senhora...

– Ora! – replicou Isabel. – Não é nada disso, pai. – Vi-rando-se para a estranha, confidenciou: – A minha mãe morreu, mas a verdade é que ele contrata damas de companhia para mim porque não quer ter o trabalho de me levar seja onde for. Quer passar todo o tempo possível com Mistress Woodhart.

Burke apertou mais firmemente o braço de Isabel.

– Perry – ordenou ele. – A porta, se não se importa.

O criado, que estivera a escutar a conversa de olhos bem abertos e com mais atenção do que jamais prestara a qualquer das instruções que Burke lhe dava, deu um salto ao ser abordado tão de repente e gaguejou.

– Mi... milorde?

Burke questionou-se se seria considerado um gesto demasiado agressivo da sua parte dar um pontapé no traseiro de Perry. Decidiu que seria.

– A porta – rosnou. – Da carruagem. Abra-a. Agora.

O desgraçado do criado apressou-se a obedecer às ordens do patrão.

Entretanto, Isabel continuava a tagarelar, o que deixou Burke ainda mais furioso.

– Oh! – dizia ela –, eu estava sempre a dizer que o baile de Dame Ashforth era o local certo para estar, mas alguém me deu ouvidos? Nem pensar. Não admira que tivesse de ser antipática com Miss Pitt. Quero dizer, se ninguém nos dá ouvidos...

– Oh, mas o baile de Dame Ashforth é hoje à noite? – A jovem mulher apoiava-se agora com um ar de indiferença na

pega do seu guarda-chuva, como se este fosse um taco de *croquet* e estivessem todos num relvado, a meio do verão, a disputar uma partida amigável daquele jogo. – Bem, então é isso. Simplesmente não pode perder o baile de Dame Ashforth.

– Sim, mas é tudo uma conspiração, entende, para me afastar do homem que amo...

– Vamos entrar – interrompeu Burke friamente.

Estava orgulhoso de si mesmo. Não cedera ao seu primeiro impulso, que fora fazê-la entrar à força na carruagem. Estava a aprender a controlar o seu temperamento. Só Deus sabia o quanto este tinha sido posto à prova naquelas últimas semanas. No entanto, estava a conseguir controlar-se. Bastava que conseguissem escapar à tagarelice daquela jovem mulher e ao seu guarda-chuva sem derramamento de sangue e ficaria satisfeito.

– Mas, pai... – contrapôs Isabel, olhando para ele, de olhos arregalados. – Pensei que tivesses ouvido o que a senhora disse. O baile dos Peagrove simplesmente não é...

– Entra para a carruagem! – rugiu Burke.

Isabel vacilou, deu um passo atrás, mas ele foi demasiado rápido. Pegou nela e depositou-a, embora com toda a delicadeza, no interior da carruagem. Até a megera do guarda-chuva teria de admitir que o fizera com delicadeza. Logo que os últimos centímetros da cauda do vestido de Isabel desapareceram no interior da carruagem, Burke voltou-se para trás e dirigiu um breve «boa noite» à surpreendida mulher ali especada na rua. De seguida, ele mesmo desapareceu no interior da carruagem, rosnando uma ordem ao condutor no sentido de se porem em marcha, o que aconteceu de imediato. Isabel, sentada no assento oposto ao do pai, ainda a recompor-se, disse:

– A sério, pai. Não havia mesmo necessidade de seres assim tão antipático!

– Antipático! – Soltou uma gargalhada nada divertida.
– Gostei dessa! E suponho que tenha sido num gesto de pura

simpatia que uma desconhecida decidiu apontar-me o seu guarda-chuva ameaçando chamar a polícia, como se eu fosse um condenado foragido.

– Ela não era uma desconhecida – argumentou Isabel enquanto ordenava os folhos de cetim branco da sua saia. – É Miss Mayhew. Já a vi antes por aí.

– Santo Deus! – exclamou Burke, olhando a filha surpreendido. – Aquela criatura vive em Park Lane? Não conheço ninguém chamado Mayhew. A que família pertence?

– Aos Sledge. É a preceptora de todos aqueles pobres rapazinhos.

– Oh! – exclamou Burke um pouco mais calmo. Não admirava que ele não a tivesse reconhecido. Bem, ao menos essa era uma razão para ficar satisfeito: a mulher era apenas uma criada e não iria andar pela vizinhança a mexericar a propósito do facto de Burke Traherne, o terceiro marquês de Wingate, ser perfeitamente incapaz de controlar a sua obstinada filha. Ou, pelo menos, se o fizesse era pouco provável que alguém que realmente pudesse interessar lhe desse ouvidos. De seguida, perguntou já algo indignado: – Se já a tinhas visto antes, por que raio não sabia ela que és minha filha? Por que razão pensou que estava a raptar-te?

– Só há pouco tempo começou a trabalhar lá – respondeu Isabel, calçando as luvas. – Além disso, em que ocasião poderia ela ter-te visto antes? Na igreja não certamente, tendo em conta a frequência com que vais deitar-te já quase de madrugada aos sábados à noite.

Burke observou-a intensamente à luz da lâmpada a óleo no interior da carruagem. Não lhe parecia adequado que uma filha se pudesse dirigir ao pai com tal familiaridade. Supunha que era o resultado de ter casado tão cedo. O seu pai tinha-o avisado. E não se enganara. Outros homens, mais velhos, que, ao contrário dele, haviam esperado até terem passados dos vinte para casar, tinham filhas que não se lhes dirigiam com

desconsideração. Ou, pelo menos, Burke supunha que tal não acontecia. Não conhecia assim tanta gente, devido ao seu passado algo inconstante e à reputação que este lhe granjeara. Supunha, porém, que se tivesse vários amigos e se eles tivessem filhas, elas seriam dóceis e graciosas, como a filha que ele sempre imaginara que teria em vez daquela criatura de trato difícil acabada de sair daquela dispendiosa escola para raparigas que frequentara até há mês e meio e que, desde então, se lhe dirigia de modo descortês quando estavam sentados à mesa a jantar.

– Isabel – disse ele tão calmamente quanto lhe foi possível.

– Que foi que fizeste a Miss Pitt?

Isabel examinou o teto da carruagem com todo o cuidado.

– Se a carruagem parar em frente à porta dos Peagrove, fujo. Estou já a avisar-te.

– Isabel – repetiu ele com aquilo que considerava ser uma admirável demonstração de paciência. – Miss Pitt é a quinta dama de companhia que contratei para ti em igual número de semanas. Gostarias de me dizer o que foi que achaste nela de tão desagradável? Ela foi-me muito recomendada. Lady Chittenhouse diz que...

– Lady Chittenhouse – repetiu Isabel não escondendo a sua aversão. – Que sabe ela? Nenhuma das suas filhas precisou alguma vez de damas de companhia. Homem nenhum no seu perfeito juízo jamais se aproximaria de qualquer delas. Nunca vi cor de pele tão horrível em toda a minha vida. Dir-se-ia que nunca ouviram falar de sabão. Será um milagre se alguma delas se casar.

– Lady Chittenhouse – prosseguiu Burke, ignorando o que a filha dissera – escreveu uma carta de recomendação excelente em que dizia maravilhas de Miss Pitt.

– Ah, escreveu? E por acaso mencionou na sua carta o facto de Miss Pitt, para além de ser terrivelmente entediante quando se põe com as suas intermináveis tagarelices acerca das

maravilhosas sobrinhas e sobrinhos, ter uma certa tendência para cuspir quando fala, sobretudo se estiver a tentar corrigir aquilo a que chama os meus modos selvagens? Ela por acaso mencionou isso?

– Se achaste a atitude de Miss Pitt tão ofensiva – respondeu Burke com toda a gentileza que consegui, tendo em conta que a sua vontade era mesmo estrangulá-la –, por que razão não vieste ter comigo e me pediste para contratar outra pessoa qualquer?

– Porque sabia te limitarias a encontrar alguém ainda pior. – Isabel olhou através da janela para a rua envolta em nevoeiro. – Sabes, se ao menos me deixasses entrevistar as candidatas...

Burke não pôde deixar de sorrir ao ouvir aquele seu tom assim tão fortuitamente elaborado.

– E quem considerarias tu uma dama de companhia apropriada, Isabel? Não me admiraria se fosse alguém como aquela Miss Mayhew de há pouco...

– Qual o problema de Miss Mayhew? – questionou Isabel. – É uma cara bem mais agradável de ver do que a daquela velha e horrível Miss Pitt.

– Não precisas de alguém com uma cara agradável de ver – rosou Burke. – Precisas de alguém com pulso, que te impeça de andar a correr atrás daquele desgraçado do Saunders.

No minuto em que as palavras lhe saíram da boca, Burke deu-se conta de que eram as palavras erradas. De repente, desencadeou-se uma tempestade no assento em frente ao seu.

– O Geoffrey não é nenhum desgraçado! – gritou Isabel. – Coisa que tu saberias, pai, se dedicasses um momento a tentar conhecê-lo...

Burke rolou os olhos e dirigiu o seu próprio olhar para a janela. Infelizmente, tinham já ficado retidos no trânsito e a carruagem começava agora a ser sitiada por vendedores de flores e laços, pedintes e prostitutas, a habitual ralé que cos-

tumava encontrar-se nas ruas de Londres àquela hora da noite. O vidro das janelas estava subido, por isso ninguém conseguia alcançar o interior, mas Burke conseguia ver as mãos deles perfeitamente, palmas vazias e estendidas na sua direção, sujas e feridas dos rigores do trabalho árduo. Não conseguiu conter um suspiro. Não fora de todo assim que imaginara passar aquele serão. Fizera planos de, àquela hora, estar já no seu camarote do teatro. Por esta altura teria sorte se conseguisse chegar à saída dos artistas antes de Sara por ali se escapar, rumo à habitual aglomeração de gente que habitualmente ali havia todas as noites para prestar homenagem ao seu inigualável talento... Era pelo menos isso que ela gostava de pensar. Burke sabia perfeitamente a que prestavam eles homenagem e a verdade é que o talento de Sara Woodhart pouco tinha a ver com isso.

– Não preciso de conhecer Mister Saunders, Isabel – respondeu Burke com mais serenidade que aquela que naquele preciso momento estava a sentir. – Sabes, já estou perfeitamente ciente de todos os pormenores acerca desse cavalheiro e tudo o que posso dizer é que o dia em que esse impertinente ousar atravessar a soleira da nossa porta ficará a conhecer a que sabe o chumbo.

– Pai! – exclamou Isabel, inspirando rapidamente num soluço. – Se ao menos me escutasses...

– Tenho estado a escutar-te a dizer todo o tipo de disparates acerca de Geoffrey Saunders há bem mais tempo do que gostaria – retorquiu Burke. – Não voltarás a mencionar o nome dele na minha presença. – E pronto. Aquelas palavras tinham soado bastante decididas, como uma firme proibição, tal como supostamente as palavras dos pais deviam soar. – E agora vamos para o baile dos Peagrove, pois sei de fonte segura que Mister Saunders não foi convidado.

Isabel soltou outro soluço, este último de modo bem mais audível e soando como que tragicamente ferida de morte, disse:

– Quer dizer que *vais* para o baile dos Peagrove! *Eu vou* ao baile de Dame Ashforth!

E, antes mesmo que Burke pudesse aperceber-se das intenções dela, Isabel acercara-se da porta da carruagem, escancarando-a e lançando-se através dela com todo o vigor para a rua, num gesto dramático que teria deixado até mesmo a incomparável Sara Woodhart roída de inveja. Burke, vendo-se de repente sozinho no interior da carruagem, soltou um suspiro. Deus o guardasse de jovens mulheres apaixonadas. Decididamente, não era assim que planeava passar aquele serão. Enfiou o seu chapéu alto e também ele, através da porta ainda aberta, saltou para o exterior, para a rua cheia de gente, atrás da filha.